

## O Carnaval e a Infanta Mafalda

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. O Carnaval e a Infanta Mafalda. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 81-83. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# O Carnaval e a Infanta Mafalda

Século XIII, Portugal: a infanta D. Mafalda deixa em testamento ao irmão D. Pedro o seu *momum quadratum*, sua máscara das farras do Momo. A coisa vem de longe, no caso, das mascaradas medievais.

Mas como tudo que se escarafuncha chega mesmo é na Grécia Antiga, lá está o nosso Momo, tido por Hesíodo como o filho da noite, rei do riso e do sarcasmo, cuja missão seria corrigir os homens e até os Deuses, pela troça e pela galhofa.

Em 1789, numa revolta de escravos na Bahia, a proposta de tratado de paz formulada pelos negros enunciava: “Poderemos brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeça e nem seja preciso pedir licença” – nos lembra Jaime Sodré.

São raízes profundas. Que também podem ser exemplificadas pelo anti-carnaval, aquelas marchinhas que cantavam na televisão: “pipoca, meu bem, pipoca”, ou outra mais inspirada ainda: “como vai, como vai, como vai?”, respondido pela pérola supimpa: “tudo bem, muito bem, bem, bem”. Um verdadeiro ultraje ao pudor carnavalesco.

O Carnaval tem muito mais a ver com “se a canoa não virar, olê, olê, olá”, ou então com “vai ter que dar, vai ter que dar...”. Há aí uma dimensão imperativa evidente, que o Momo encarna com sua coroa, mas é um imperativo de gozo.

Imperativo que se deixaria exemplificar por: “Ei, você aí, me dá um dinheiro aí, me dá um dinheiro aí”; ou então pela doce ambiguidade entre ordem e carinho no “venha cá, venha cá, venha cá...”, ou no imperativo da sede, de água mineral: “tá com sede?” (Carlinhos Brown).

Ou ainda nos diversos comandos meio alucinados de segura aqui, agarra aqui, segura aqui, aqui, aqui e por aí vai (coisas do gênero). De forma mais elíptica (e elegante) na afirmação de que “atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu”, ou no “abre alas”, que é praticamente um hino.

Explícito, mas com retórica elegante, em “vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é Carnaval” (o imperativo transparece dessa necessidade de não ser levado a mal... imaginem, quem levaria?).

E não fica apenas no texto. A música também trabalha com imperativos. A tradicional “corre, corre, lambretinha” é um bom exemplo que sobrevive por tantas décadas, ou o dramático “Xô Satanás”, de Durval Lélis, que progride da lentidão do alcoolismo (“eu era um bêbado...”) até o delírio exorcista.

São músicas que criam dentro delas próprias, por causa da aceleração que provocam, uma analogia com a expectativa estrutural do Carnaval, a esperança de abolir limites, de virar outra coisa, algo que as máscaras, ou mesmo as muquiranas, ilustram muito bem.

Outra solução musical vem da construção de um conflito marcante entre trechos que estão ‘no tempo’ e outros em contratempo, como é o caso do frevo (Vassourinhas, por exemplo), ou usando esse conflito como microestrutura repetitiva, tal como na batucada. Quanta coisa da batucada veio diretamente do candomblé!

Mas, vejam bem, que alguém como Vadinho, o personagem inesquecível de Jorge Amado em *Dona Flor...*, que nos representa de maneira indiscutível como tipo cultural, morre numa das últimas

requebradas em pleno Carnaval, e só aí começa sua sobrevida com Dona Flor.

É desse risco que nos fala o “se a canoa não virar”, ou então o “eu vou beber, beber até cair”; há um Momo inofensivo, que pode ficar com a chave da cidade, e outro que nos lembra o filho da noite, o “medo de careta”, o “outro lado, do lado de lá do lado, que é lá do lado de lá”.

A figura do Rei Momo acaba absorvendo essa série de ambiguidades produzidas por nossa sociedade com relação à figura paterna, e resvala fortemente para todos os campos da criação artística.

De certa forma, ele diz que a referência ordenadora não existe – e isso dialoga com vários aspectos do nosso percurso histórico. Mas isso já é conversa para uma outra crônica...